

TEMPO HISTÓRICO: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES¹

Alexsandro Donato Carvalho² - UFPB

Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida. Sobre essa representação, que é para cada um de nós uma descoberta do mundo e do passado das sociedades, enxertam-se depois opiniões, idéias fugazes ou duradouras, como um amor... mas permanecem indelévels as marcas das nossas primeiras curiosidades, das nossas primeiras emoções (FERRO³, 1983, p.11).

1 O ensino de História e do tempo histórico como temática de estudo

A década de 1970 foi um período muito difícil para a educação brasileira, particularmente para o Ensino de História. Com a publicação da LDB nº 5.692, em 1971, o governo federal executa uma grande reforma no ensino de 1º e 2º graus. Desde o golpe militar, uma série de medidas vinham sendo implantadas no campo educacional, sendo o ponto culminante a publicação da LDB de 1971. Com relação ao ensino de história, esse fica destinado ao 2º grau, como matéria independente. No 1º grau, a história passa a fazer parte da matéria de estudos sociais, e são criadas duas disciplinas: OSPB – Organização Social e Política do Brasil, e EMC – Educação Moral e Cívica.

Porém, no início dos anos 80, essa situação começa a dar sinais de mudanças. Surgiam, no interior das entidades profissionais, nos sindicatos, críticas ao modelo educacional vigente.

Nos anos 90, aparecem as primeiras teses acadêmicas, tendo com tema o ensino de história. As primeiras pesquisas desenvolvidas se preocuparam com a legislação pertinente ao ensino de história. “Analisaram leis, propostas de currículos, ou seja, na externalidade da sala de aula” (DIAS⁴, 2002, p.98).

Mas, com a continuação das pesquisas, houve uma mudança de enfoque, principalmente dentro dos programas de pós-graduação em educação, onde as pesquisas sobre ensino de história se desenvolveram bastante.

Vale ressaltar que os trabalhos, antes restritos ao âmbito da pedagogia, tornaram-se, também, objeto de estudos dos próprios historiadores, principalmente com a abertura de

cursos de pós-graduação em História. Particularmente, o convênio assinado entre a Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade Federal da Paraíba – área de concentração: Metodologia do Ensino de História.

Um tema que é abordado com bastante freqüência nas pesquisas, é o tempo histórico. A maioria de trabalhos nessa linha são voltados para a primeira fase do ensino fundamental. “O balanço é abordado sob a ótica da didática, isto é, como o conceito de tempo aparece nas propostas curriculares e é desenvolvido pelos professores no ensino fundamental e médio” (ZAMBONI⁵, 2002, p.111).

A noção de tempo histórico também aparece nas propostas oficiais. Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, o tema foi abordado no suplemento dedicado à História. A discussão se apresenta a partir de quatro pontos: 1. O tempo no estudo da história; 2. O tempo cronológico; 3. O tempo da duração; e 4. Os ritmos de tempo.

É importante destacar o quanto a discussão acerca dos PCN leva em consideração as mudanças efetuadas no campo do conhecimento histórico, pela chamada “Escola dos Annales”. Sobretudo pelas categorias abordadas. “No estudo da História considera-se, principalmente, a dimensão do tempo enquanto duração, a partir da identificação de mudanças e de permanências no modo de vida das sociedades” (BRASIL⁶, 1997, p.85). Vê-se, claramente, a influência de Fernand Braudel e o seu conceito de longa duração.

Foi, portanto, no bojo das transformações e do crescimento das pesquisas sobre o Ensino de História e, principalmente, fugindo ao que, tradicionalmente, tem-se produzido sobre tempo histórico nessas pesquisas, que propusemos o nosso trabalho. Ao invés dos alunos e das propostas curriculares, dirigimos nosso olhar para o professor. Qual a representação de tempo histórico desse profissional?

1.1 O universo da Pesquisa

O objetivo desta pesquisa é conhecer a representação de tempo histórico do(a)s professore(a)s do 1º e 2ª ciclos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino, da cidade de São José de Campestre, do Estado do Rio Grande do Norte.⁷

Em primeiro lugar, é preciso deixar bem claro que trabalhamos com professores(as) do Ensino Fundamental, do 1º e 2º ciclos, discentes do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Não tinham, e não estavam cursando a graduação em História. Por outro lado, a oportunidade de estar na universidade, levava-os(as), pela primeira vez, a uma preparação mais sistemática para o exercício do magistério, bem como para a produção do conhecimento.

Portanto, a nossa pesquisa busca investigar, a partir da representação de tempo histórico, qual a concepção de História para esse(a)s professore(a)s? Qual o conhecimento histórico desses(as) professores(as)? Que tipo de História tem sido transmitida na sala de aula?

A escolha desse público, para analisarmos a questão do tempo no ensino de história, nasceu através da nossa participação em um programa de extensão do Departamento de Educação da UFRN, chamado Programa de Qualificação Profissional para a Educação Básica – PROBÁSICA. Este, acontece desde 1997, através de uma parceria entre a UFRN, em articulação entre diversos de seus departamentos, com os poderes público, estadual e municipal, e ainda com Organizações Não-Governamentais, no sentido de oferecer cursos de graduação em Licenciatura Plena, direcionados a professores dos ensinos fundamental e médio.

Tínhamos, portanto, um público bastante específico – todos(as) os(as) alunos(as) do Programa já atuavam como professores(as) do ensino fundamental.

Dos 56 docentes de São José do Campestre, alunos(a)s do PROBÁSICA, que escolhemos como o universo de nossa pesquisa, foram levados em consideração 40 sujeitos, na aplicação dos questionários, pois os outros 16 questionários eram de alunos(a)s/docentes que ocupavam cargo de direção, estando, portanto, fora da sala de aula. Entre os 40 alunos(as)-professores(as), 31 são mulheres e 9, homens. Do total dos 40 escolhidos(as), 38 são professores(as) do 1º e 2º ciclos; uma professora atua na TV Escola e um professor atua no 3º e 4º ciclos, 5ª a 8ª séries, como professor de História e Geografia. O tempo de docência varia muito. Há professores(a)s que já davam aulas há

mais de 20 anos, e outros estavam há pouco tempo na docência. Em algumas situações, havia aqueles(a)s que tinham sido alunos(a)s de suas colegas de sala de aula.

Durante a disciplina lecionada, Ensino de História no primeiro grau (I), vários trabalhos foram desenvolvidos com a turma, sendo um de extrema importância para a consolidação desse objeto de estudo.

Inicialmente, tivemos, como grande obstáculo, o fato de não estar formando especialistas em História, percebido logo na discussão do programa da disciplina e nos exercícios de sondagem. Iniciamos a discussão, introduzindo os conceitos de História e Historiografia. Para a discussão do tempo histórico, utilizamos um texto do Jean Glénisson do livro *Iniciação aos estudos históricos*. Em seguida, aplicamos um questionário composto de 14 questões⁸ que tinha, como base para as respostas, duas gravuras: a gravura 1 retratava uma cena numa indústria metalúrgica; e a gravura 2, uma cena de venda de garapa, de Jean-Baptiste Debret.

A escolha do questionário, utilizado pelas professoras Elza Nadai e Circe Bittencourt, se justifica pelo fato de abrir o debate sobre a noção de tempo histórico; da pesquisa ter sido realizada num grande centro do país, como é a cidade de São Paulo; e, sendo realizada com alunos, nos despertou para direcioná-la para o nosso universo de pesquisa, aplicada a um outro contexto educacional.

A idéia de tempo histórico é uma categoria central, ao mesmo tempo em que bastante problemática, para quem ensina história. A elaboração da noção de tempo se apresenta como um dos principais problemas do ensino de História. São grandes as reclamações, por parte de professores, devido às dificuldades e, para alguns, à impossibilidade de se ensinar história nas séries iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que os alunos têm dificuldade em construir a noção de tempo.

Observando os livros didáticos utilizados no Ensino Fundamental, verifica-se que, de modo geral, privilegia-se o estudo da cronologia – ano, década, século, milênio etc. Os livros trazem um capítulo inicial sobre a contagem do tempo, onde é comum os autores indicarem as diversas formas de se medi-lo, desde os egípcios, passando pelos gregos, romanos e os

calendários judeu, cristão e muçulmano. Por fim, aparece a divisão da História em períodos, obedecendo à periodização de origem européia: Idades Antiga, Média, Moderna e Contemporânea. A forma de abordar o tempo segue a visão eurocêntrica, numa lógica linear e evolucionista.

Na organização da pesquisa, nos apoiamos na trilogia braudeliana de tempo histórico: a curta, a média e a longa duração. Tendo consolidada essa questão metodológica, aplicamos 40 questionários, sendo 12 para os(as) alunos(as) do período vespertino e 28 para os(a)s do período noturno.

A partir da análise dos questionários, um primeiro ponto pode ser percebido para formarmos o perfil dos(as) alunos(as)/professores(as), que passaremos a chamar, de agora em diante, de professores(a)s. Todos se dedicam, como já foi mencionado anteriormente, à docência, especificamente no 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental. A grande maioria (70%) reside na cidade de São José de Campestre, lecionando nas escolas desta localidade. Uma pequena parcela (30%) leciona na zona rural. Antes de iniciarem o curso de pedagogia, possuíam, em grande parte, habilitação no magistério.

1.2 O tempo histórico nas representações dos docentes

Novas abordagens, novos problemas, novos objetos⁹. Poderíamos dizer, então, que a historiografia escrita sob um modelo tradicional – factual, política, linear, já está superada? Hoje em dia, a pluralidade dos gêneros históricos e o diálogo com outros campos do conhecimento – Sociologia, Economia, Psicologia etc. fizeram com que aparecessem outras condições para a produção do conhecimento histórico. O historiador empreendeu um novo olhar sobre a história, com o qual surgiu uma nova representação de tempo histórico.

Estudar história é perceber as transformações por que passam as sociedades ao longo do tempo. Segundo Borges¹⁰ (1993, p.50),

A transformação é a essência da história; quem olhar para trás, na história e sua própria vida, compreenderá isso facilmente. Nós mudamos constantemente; isso é válido para o indivíduo e também é válido para a sociedade. Nada permanece igual, e é através do tempo que se percebem as mudanças.

O tempo, portanto, é a categoria central na compreensão dos acontecimentos. Mas “o tempo histórico através do qual se analisam os acontecimentos não corresponde ao tempo cronológico que vivemos e que é definido pelos relógios e calendários” (BORGES, 1993, p.51). O importante é o olhar do historiador captar o processo histórico e as mudanças. De um lado, temos as mudanças rápidas, efêmeras, transitórias; de outro, temos as mudanças mais lentas.

2 Conclusão

A presente pesquisa procurou refletir, junto a professores do ensino fundamental – 1º e 2º ciclos, a representação de tempo por eles desenvolvida no cotidiano da escola.

Ao concluir esse trabalho de pesquisa, que desenvolvemos junto aos(as) professore(a)s do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental, gostaríamos de reafirmar a importância do tempo histórico. Como principal categoria de análise da história, deveremos procurar integrar os conteúdos, levando em consideração as múltiplas temporalidades definidas por Fernand Braudel: o tempo geográfico, o tempo social e o tempo individual; sobre a curta, a média e a longa duração. Bem como o tempo no cotidiano, a partir da realidade do próprio aluno, de suas vivências pessoais.

É extremamente complicado abordar esta temática em sala de aula porque se mostra complexa. A partir, principalmente, de duas premissas: a formação do(a)s professor(a)s, responsáveis pelo trabalho com as séries iniciais do ensino fundamental; e a dificuldade, apontada na pesquisa, de se trabalhar um conceito tão abstrato com os alunos das séries iniciais.

O profissional que se volta para o trabalho no primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental, geralmente, é formado nos cursos profissionalizantes, conhecidos como magistério, ou, devido à legislação em vigor, se graduou em pedagogia. Não é, portanto, especialista em nenhuma disciplina do currículo básico dos ciclos iniciais – português, matemática, história, geografia e ciências.

O(a)s professore(a)s envolvidos na nossa pesquisa se enquadram no que dissemos acima, ou seja, não existe, entre eles, nenhuma especialista em História. Nesse sentido, a

falta de um conhecimento histórico mais sistematizado se reflete na fragilidade com que se trabalha a História. Não se consegue construir uma relação entre presente e passado, no sentido de permitir aos alunos compreender a realidade numa dimensão histórica. Na maioria dos casos, suas explicações ficam presas ao passado ou a um presente imediato. Essa dificuldade de construir uma concepção de história, portanto, deixa tais profissionais perdidos em relação à concepção de tempo histórico.

A outra ponta do problema está exatamente no fato, levantado pelos(as) professores(as), da dificuldade de se trabalhar história, nas primeiras séries dos ciclos iniciais, bem como a noção de tempo histórico.

Esse é um tema que sido alvo de constantes debates entre os especialistas. Existem aqueles que defendem que é inviável trabalhar um conceito tão abstrato, como o de tempo histórico, na faixa etária correspondente aos 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental.

O debate está aberto. De nossa parte, entendemos que a discussão sobre a temática precisa ser ampliada. Por isso, reafirmamos a necessidade das pesquisas sobre ensino de História. Precisamos refletir sobre os currículos, os conteúdos, a representação, a noção de tempo histórico. Mesmo que, nos últimos 15 anos, tenham crescido muito no Brasil as pesquisas sobre o ensino de História.

Nosso trabalho tentou chamar a atenção para uma questão: a escola existe, e é preciso garantir que ela continue sendo um espaço de estudo e pesquisa; que possua uma estrutura mínima – biblioteca, TV, vídeo, computador - para a boa qualidade do ensino. Mas, fundamentalmente, é preciso repensar a formação do professor. A profissionalização do docente passa por uma formação permanente: um plano de cargos, carreira e salários. Não podemos esquecer que a escola ainda é o local privilegiado para a formação da cidadania. É na escola que nós, professores, podemos produzir conhecimento e ensinar.

NOTAS

-
- ¹ Este artigo representa algumas reflexões contidas na minha dissertação de mestrado intitulada **O tempo histórico na representação dos professores do ensino fundamental do 1º e 2º ciclos**, defendida na Universidade Federal de Pernambuco em março de 2003.
- ² Mestre em História (UFPE), Professor visitante da Universidade Estadual da Paraíba – e-mail: lualexnatal@superig.com.br
- ³ FERRO, Marc. **A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: IBRASA, 1983. 306p.
- ⁴ DIAS, Margarida Maria Santos. O ensino de história como objeto de pesquisa. **Saeculum**: revista de história, João Pessoa, n.6/7, p.97-117, 2002.
- ⁵ ZAMBONI, Ernesta. Panorama das pesquisas no ensino de história. **Saeculum**: revista de história, João Pessoa, n.6/7, p.97-117, 2002.
- ⁶ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: História**. Brasília: MEC/SEF, 1997. (5ª a 8ª séries/3º e 4º ciclos). 108p.
- ⁷ O município de São José de Campestre fica localizado na região do agreste potiguar e está a 103 km da capital, Natal. A cidade possui uma população de 11.277 habitantes; desses, 8.334 habitam a zona urbana e 2.943 estão na zona rural. O número de estabelecimentos escolares está assim distribuído: Pré-escola: 2; Ensino Fundamental: 36; Ensino Médio: 2. Dados obtidos do Censo 2000 (IBGE.)
- ⁸ O questionário, utilizado na pesquisa, foi elaborado pelas professoras Elza Nadai e Circe M. Fernandes Bittencourt, como parte dos trabalhos da disciplina Prática de Ensino de História I – 1º semestre/1986. Originalmente, o questionário é composto de duas partes: a primeira refere-se ao aluno e sua família; e a segunda, trata do estudo do tempo a partir de duas gravuras distribuídas aos alunos. Para a pesquisa, utilizamos apenas a segunda parte do questionário.
- ⁹ A coleção organizada por Jacques Lê Goff e Pierre Nora chama-se – *Faire de l'histoire* – Fazer História (1974). Publicada no Brasil em 1976, essa obra, organizada em três volumes, recebeu o seguinte nome: *História: novas abordagens, novos problemas e novos objetos*.
- ¹⁰ BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 84p.